

JULIANA FRANK

Meu coração de pedra-pomes



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Juliana Frank

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa v. Randow sobre obra de Iza Figueiredo

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Valquíria Della Pozza

Márcia Moura

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Frank, Juliana

Meu coração de pedra-pomes / Juliana Frank. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2300-1

1. Romance brasileiro I. Título.

13-06174

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Exijo uma explicação!

Com sua licença, senhoras e senhores membros do júri.

Sempre gostei de escrever coisas banais, com termos usados no cotidiano, como: “Saia já daqui!”, “Você vai me pagar caro por isso!”, “Não quero um ateu liberal na minha porta!”. São formas velhas, gastas e ultrapassadas de contar uma história. Daí, é só misturar com algumas atitudes e macumbas inéditas da personagem central: Lawanda. E resulta no livro: *Meu coração de pedra-pomes*.

O membro mais ativo do júri se levanta, o lápis preso na boca, grita:

— Os romancistas odeiam o seu método.

Respondo:

— É fato: é odiável. Agrada-me muito.

Todos urram e relinçam ao mesmo tempo:

— Juliana, por quê? Por quê? Nós precisamos saber para te acusar! É confortável o banco dos réus? Acaba de tornar este livro público. Você nos deve uma resposta!

— Ora, é dureza deixar um texto rasteiro, mundano,

antiliterário crasso. E vou além: escrevi pela pura pretensão da simplicidade, simplesmente.

— De quem se trata? Vamos, colabore...

— Este livro é uma ficção. Não pensem que se trata de fulano ou restano. A furiosa contemplação das personagens deixa todos ávidos por uma explicação!

Decisão geral: Celeumaremos!

— Não aprofunda.

— Não se encontra uma única linha que discute.

— Não há doutrina!

— É um livro inútil.

— Não é inútil. É apenas um livro desnecessário.

— Não é um livro!

— A vida da autora! Talvez a vida disfuncional ou o caráter genital justifique os motivos que a levaram a criar a sua historieta!

— Enfraquecimento do ego, um tombo ginástico, caráter puberal com couraça, ou um cachorro eleito “o mais amado da família” que roeu o brinquedo dessa mente decaída na infância.

— Desdenhosa. Precisa expor suas vergonhas!

— Exibicionismo das nádegas seguido imediatamente de rejeição e grave frustração e recalque desse prazer!

— É... fixação sádico-anal.

— Um mal diabólico ou pulsão de morte proeminente de sadismo fálico em perfurar gelo.

— Talvez um tio que a sentava no colo.

— Ou tudo ao mesmo tempo e alguns desvios psico-neuroexistenciais como: necessidade libidinal e medo do quarto do castigo. Na infância da autora era necessário ajoelhar no milho.

— Não é um livro!

— Hipertonia e rigidez muscular seguidas de fixação em chupar no espelho sua imagem narcísica.

— A literatura acabou!

— Concordo! Tudo acabou. Menos a linguagem das multidões.

— Neste caso, a linguagem expressa o anseio de sensações orgânicas subjetivas: perturbação contra o falo.

— Inveja do falo!

— Estima do falo!

— A literatura acabou!

(Silêncio da autora)

— Olhem todos, agora ela rói as unhas carcomidas e esfrega os dentes cariados.

— Não abuse ou vamos confiscar sua pena...

Decisão geral: Celeumaremos!

— O que está acontecendo aqui? Do que se trata esta novela? Essa Lawanda é limítrofe, disfarçada de maluca, ou o quê? Essa Juliana é craquelê?

Outro membro do júri cai de quatro e grita:

— EURECA! Já sei, Juliana Frank é uma personagem da Lawanda!

A voz do coro sentencia:

— Ou essa Juliana faz transplante de personalidade ou ela mentiu feio para nós.

Isso é o que nós vamos ver.

É parte da acaralhação da vida ficar lutando contra a sujeira. Me pego limpando esse chão toda hora. Eu sou paga pra lutar nesta batalha contra a imundície. Existem alguns tipos de sujeira aqui, as partículas sólidas, fuligem, poeira, e as de origem oleosa, como a graxa e manchas indecifráveis. Também tem as que mais amedrontam as pessoas: bactérias, germes e gotas de sangue. Enfim, as porcarias naturais. O mundo está repleto de misofobia, o medo patológico da imundície. Limpo até poder ver meu reflexo nessa ilustríssima rua de limpeza onde desfilam doenças. Por que não o bordel?, eu me pergunto. Mas não me respondo nada. Vou limpando com o esfregão amarelo como se ele fosse uma seta que está sempre à minha frente. Só que aqui já está limpo, espelhado. O hospital deve ser higienizado de hora em hora. Tem sangue de pacientes semi-vivos por todos os cantinhos. Gosto de esconder alguma sujidade, dessas microscópicas, em cantos imperscrutáveis. Me dá prazer reconhecê-los, dia após dia, intactos! Livres

da vassoura dos outros funcionários com os olhos atentos da assepsia. Chamo essas sujeirinhas de *pequenas heroínas*. As pessoas, no geral, não gostam. Tratam-nas como se fossem memórias de sacrilégios, carnificinas e crimes. Muito mal informados, todos. É só olhar para o chão e ver o tamanho real das intervenções de poeiras e manchas. Não existe nada a ser decifrado. Não se trata de uma ciência oculta. Não há mistérios por trás da sujeira.

Já está quase na hora da saída. Quando eu chegar em casa, vou fazer a macumba que eu mesma criei. Tirar uns pentelhos e colocar no liquidificador, misturar na sopa de músculo. Vai ficar um bálsamo. O José Júnior adora sopa. O José Júnior é meu amante. Adoro dizer “amante”, está em desuso. E ele só toma sopa, desde que a mãe morreu. Sopa também é uma coisa antiquada. Me enche de tédio ver alguém sorvendo aquele líquido rançoso de comida massacrada. José Júnior também só senta do lado direito do sofá, porque o lado esquerdo era o da mãe. Ele é um perfeito velho tradicional. A diferença é a pouca idade. Não bebe, acha infantil cuspir em corrimão, dar nomes a besouros ou costurar borboletas. Enfim, meus passatempos preferidos. Mas José Júnior, além de ser um bom ateu praticante, é um *homuserectus*. Seu pau está sempre disponível. Na praia ele fica ruborizado, porque o pau se anuncia como uma afronta no sungão azul maneiríssimo. Jantares de família, com todos compartilhando inutilidades e escondendo suas deslealdades, lá está o pau quase furando a calça jeans. Todos ficam em silêncio. As tias se entreolham na esperança de que as outras não tenham notado. Pensam: “Espero que Gessi não tenha visto. Não quero compartilhar este segredo secretíssimo com ela”. Se a outra perceber, está feito o desastre. Todas vão comentar sobre a beleza do pão

saído do forno e engolirão em seco o pau inconveniente do sobrinho. Lembram dele no carrinho de bebê, de sua meiguice no olhar. Ah, tempos passados. Agora essa miséria. O pau duro desfilando pela sala. Uma miséria!

Nair prossegue seu pensamento: “Tomara que Gessi não tenha visto, ou vai pensar secretamente em tocar. Há anos não vê um pau. Quiçá o chaveirinho que seu ex carregava entre as pernas. Aquele homem, sempre de verde, com piadas enfadonhas, tinha o pau chaveiro. Uma lembrança de pau. Uma amostra grátis de pau. Tenho quase certeza, mas jamais irei perguntar a ela. Tem, sim. É um homem inseguro. Tem!”. Nair fecha seu pensamento, de forma forçada, engole seco e diz:

— Gessi, meu bem, passe o pernil.

Gessi passa o animal adornado com abacaxis, pensando: “Só dá pernil nessa casa, não sei como ela suporta fazer todo sábado. Mas é uma receita que funcionou, não quer errar a mão. Deve ter desconto no açougue”.

Depois diz, convicta:

— Adoro seu pernil, Nair. É melhor que o do Estadão.

Se eu fosse a mulher oficial de José Júnior, chegaria gritando na sala: “Este homem tem um pau, ouviu? Tem um pau!”.

É assim que eu imagino as tias, sempre pérfidas, com suas pernas compridas e desproporcionais demais ao resto do corpo. E, portanto, quem vai me questionar? José Júnior acha que minha imaginação fede. “Exagerada e doentia”, ele diz. Mas, xoxotamente falando, comigo está feliz.

Quando ele está no lugar que eu chamo de “mansão dos falidos”, com a família toda reunida em comunhão de males, mando fotos comoventes para ele. Coloco uma lin-

gerie e vou clicando enquanto tiro as peças com delicadeza. Começo com as alças do sutiã, depois vou descendo, até ficar completamente nua. Sempre tiro fotos dos meus lábios ferinos, abertos como se gemessem. Vou mandando pelo celular aos poucos, é sempre importante demorar entre uma foto e outra, para deixá-lo entretido no meio da refeição. Ele implora por mais fotos, ruge, promete joias e sapatos de pele de peixe. Eu mando. Depois, para finalizar com beleza o serviço, ligo para ele e me masturbo com força e habilidade. Daí gozo bem rápido e alto. Nesse momento, ele é obrigado a levantar e ir lá fora, no quintal da mansão em ruínas, me ouvir gemer.

Quando ele chega aqui na minha casa, sentamos na minha cama de meteorito e ele logo me pede para nunca mais fazer isso, que é vexatório e constrangedor.

Digo, revoltada:

— Como assim, vexatório e constrangedor? Ou uma coisa ou outra.

Ele não se importa:

— Dá no mesmo.

— Como, dá no mesmo? São completamente diferentes.

— Nada disso. São sinônimos.

Levanto do sofá, inconformada:

— Não acredito em sinônimos. Nesta casa eles não são bem-vindos. Ou vexatório, ou constrangedor. Escolhe um!

Pego no pescoço do meu amante e grito baixo:

— Escolhe um deles!

Ele arregala os olhos de pânico:

— Vexatório!

Se é assim, faça de propósito, e também para estimular a ereção e divertir o imaginário deletério das tias.

Ontem, já mais calma, pedi para ele os presentes pro-

metidos, muito educada. Nunca vingou. Por isso tenho uma listinha, que penduro sempre no espelho em frente à minha cama. Quando ele me come de quatro, pode ver suas pendências. Depois de gozar, chora e jura voltar para a mulher original sem pecado capital.

Estou planejando outra traquinagem com o José Júnior, quero fazer com que ele sente do lado esquerdo do sofá. Já tenho um plano. Vamos ver se funciona. Macumbas sempre funcionam, cada dia eu invento uma inédita.

O José Júnior, com sua falta de emoção e ausência de ímpeto para abrir a boca, faz com que todos acreditem que ele é bom. Durante nossos atos sexuais xinga Deus o tempo todo: “Deus é um pulha, Deus é um crápula, Deus é um menisquente”. Mas se comporta como um bom religioso praticante. Anda por aí com a cruz na mão, o terço na cintura, a cara apatetada. Conclusão: todos acreditam na sua beatificação interpretada. Descobriu cedo, o exímio pesquisador da vida, que o bom é aquele que cala. Numa mesa em que todos urram suas opiniões, lá está José Júnior, triunfando em sua apatia e sempre levando vantagem. No fim da reunião, os convidados o elegendam: o correto. Quando eu o sacudo e joga sua cabeça na parede, ele diz: “Não senti nada”. É tão tétrico ser Xosé. Às vezes, quer dizer, sempre acho que ele vai desmembrar sua mulher legítima e ocultar as partes num vaso de uva, lá na mansão dos falidos. Depois, vai vir aqui em casa, com aquele sorriso frouxo de menino criado pelas tias. E, aí, vai começar a maldizer o Deus Todo. Até ser a minha vez de ser jogada contra a parede. Para me prevenir, toda vez que encontro meu amante uso um capacete. Passeamos, os dois, pelas ruas. Todos estranham o objeto redondão

na minha cabeça. Mais de uma vez já disse para os caixas de supermercado que estava treinando os patins. Ninguém acredita. Mas ele, o crédulo, acha normal. Acha tudo normal e bom. Menos Deus. Só eu sei desse seu segredo terrível. Mas ainda pretendo descobrir outros. Por exemplo: por que tem essa mania de querer ficar só com a mulher dele? Eu imagino que ela seja frígida, que trepe apenas na horizontal, e tem os gemidos parecidos com o som de uma buzina, e morde travesseiro. Não, mentira. Ela não geme, não goza. A mulher dele nunca goza, não na minha imaginação. Ao contrário, ela retrai a xoxota, dá tapas na cara dele, xinga e grita: “Goza logo! Goza fora!”. A mulher dele sempre quer o esperma fora. Só eu coleciono esperma dentro de mim. Às vezes, transamos várias vezes e não me banho, pra ir juntando o esperma. Depois eu bebo só umas gotinhas. O resto eu guardo num vidrinho de veneno que comprei em Paris pela internet. Tudo à vista, com o dinheiro do hospital. Não da limpeza, com o dinheiro de coisas escusas que faço lá dentro, e sempre me pergunto: por que não o bordel? Mas essa é outra história.

Termino de passar meu enorme esfregão e me preparo para me retirar à insignificância do quatinho de empregados. Preciso me trocar. Tirar essa roupa sem predicados e ir embora como se o caminho não fosse retroativo (uma rua que sumisse depois que eu passasse, construída para eu nunca mais voltar). Mas um belo rapazote me aborda, quer saber que horas são, onde fica o bebedouro e o setor de infectologia. No começo, eu o considero bonito. Mas parece muito com Marjinho, o marido da minha mãe. Por isso, começo a detestar esse rapazote. Quando não gosto de uma pessoa, odeio de brinde qualquer outra que se assemelhe

fisicamente ou tenha, por uma coincidência, o mesmo nome que ela. Também estou enraivecida por luzir o chão, e, sem perceber, esse simpático moço pisa com seus sapatos sujos sobre minha limpeza, deixando pegadas como as ancestrais, só que de mocassins. Oh, Malditos Deuses Todos, odeio mocassins!

Ele fixa um sorriso no rosto e me pergunta novamente suas dúvidas. Pessoas simpáticas são sempre falsas. Como o detesto! Gostaria de dizer isso a ele. Mas não vou dizer. Pelo menos não agora. Dou as informações embaralhadas. Ele desfaz o sorriso cansado do rosto, descontraí os músculos e relaxa. Continua caminhando pelo ex-límpido chão e o deixa completamente preto. Por onde andou?

Ponho meu esfregão para funcionar e tento me concentrar novamente no José Júnior.

Todos os dias, para limpar o chão, eu relembro ou imagino coisas. Quando minha criatividade me abandona, imagino as mesmas cenas do dia anterior, só que em cores diferentes. Amanhã, se eu estiver infértil, vou imaginar o José Júnior em preto e branco, e ficará mais dramático, o que combina com ele.

A fiscal da limpeza, Lucrecia, passa com seu nome vilanesco, narizinho empinado de princesa etrusca, e flagra as marcas de passos. Me acusa, com seu olhar inquisidor, de não ter feito nada: “Dá um jeito nisso”.

Faço que sim num movimento rápido de cabeça, fingindo uma obediência silenciosa. Não existe obediência barulhenta, não é mesmo? Ela aceita o gesto, mas desconfia secretamente que é falso. Levanta seu nariz de cão farejador disfarçado de imperioso, infla o peito como um pavão com uma pena enfiada no cu e faz minha expressão favorita: a de quem está trabalhando. Essa aí não precisa pegar

no pesado, já sabe fazer de conta o sofrimento e a severidade. Esperta, ela. Eu ainda não sei fazer essa cara capaz de enganar multidões a respeito da minha eficiência e utilidade na Terra. Mas um dia desses aprendo.